



Director: JOSE MARIA DOS SANTOS

ANNO XIV

ASSIGNATURAS
Anno..... 200000 || Semestre, 100000
Estrangeiro e Retardado do Norte, 5000

São Paulo—Segunda-feira, 26 de março de 1906

REDAÇÃO E OFFICINAS
Rua de S. Bento, 25-28
TELEPHONE, 639

NUM. 4641

A DISSIDENCIA

O director do *Comercio* remetteu-nos uma carta que lhe dirigiu o sr. dr. João Sampaio, advogado em Piracicaba, a propósito dos artigos que temos publicado nesta folha, sobre a necessidade da formação de partidos no Brasil.

Diz o illustre missivista na sua carta que desconhecemos por completo as coisas politicas do nosso Estado.

Faz-nos-se. Ha 23 annos que acompanhamos de perto todo o movimento politico, não só do Estado, como do paiz e do estrangeiro. Vimos da propaganda republicana, e mais de uma vez, em reuniões politicas, fizemo-nos ouvir, e sempre batalhamos pela formação de um partido com uma bandeira.

Remetteu-nos o missivista um exemplar do manifesto da Dissidencia. Conheciamos essa peça politica, mas, seja-nos permitido dizer francamente que ella nunca nos agradou, porque diz-se nella que é o velho partido republicano que se reorganiza, e, entre os seus signatarios ha muitos que até nas vésperas da convenção eram monarchistas conhecidos. E, diariamente, na imprensa ou manifestando de outra fórma o pensamento, os dissidentes têm expellido ideias diametralmente oppostas ás que figuram no manifesto e programma organizados ali em S. Paulo no salão Steinway.

Cápi-ra e vivendo na roça, porque a politica chegou até a enojar-nos, sendo como é uma grande escola de transacções vergonhosas, de transigencias impavides, nós acompanhamos todavia o que se passa no scenario politico do Estado com enorme interesse, e desejavamos ver a dissidencia organizar-se como um partido forte, capaz de disputar as eleições nas urnas pelo prestigio das suas ideias, e vencer aquelles que entendem que os cargos da representação popular devem ser monopolio rendoso para meia dúzia de familias.

Mas, infelizmente, a Dissidencia não obteve ainda uma victoria dessa ordem, e se os seus candidatos foram victoriosos no dia 30 de janeiro, foi porque Carlos Garcia tinha prestigio proprio, obteve votos de todo o eleitorado independente, até de monarchistas, que foram suffragar a sua candidatura porque sabiam que elle seria incapaz de obedecer á vontade ou ás suggestões de quem quer que fosse.

Quando aos demais candidatos, pôde-se dizer que venceram pelo esforço proprio. Cinelino Braga e Adolpho Gordo, que triumpharam, percorreram todo o districto, e contaram tambem com os votos de todos os descontentes. O sr. Costa Junior, que foi derrotado nas urnas, mas entrará na Camara, porque é essa a vontade do senador gaúcho, esse então nunca foi dissidente. Era governista, e separou-se do governo porque assignou o manifesto da colligação, apresentando a candidatura do sr. Affonso Penna, quando viu sobressaída a do sr. Campos Salles, pela qual se batera.

Ora, um partido que tem programma não recomenda candidaturas de politicos independentes ou temporariamente desligados do governo, porque esses politicos não têm obrigação de sustentar o programma do partido.

O partido dissidente sustentando suas candidaturas mostrou que não foi por questão de principios e que deseja apenas, seja lá como fór, fazer crer que está representado no Parlamento, que dá deputados para a representação nacional.

Onde, em que paiz do mundo já se viu um partido mandar votar em homens de outros partidos? Pôde-se ver, e isso se deu já em França, um gabinete constituir-se com diversos elementos, tendo um Millerand, que era um socialista revolucionario, ao lado de um Gallifet, que era tudo quanto havia de mais reaccionario, ou com alguns simples radicais ao lado de um radicalissimo como o sr. Clemenceau e um socialista revolucionario, como o sr. Briand, que no Congresso de Tours, ha alguns annos, manifestou-se acerrimo partidario da greve geral.

Mas isso são combinações governamentais, e admitt-se que um governo, para ter força no parlamento, faça desses absurdos, que sempre dão resultados contraproducentes. E isso vimos em França, durante o ministerio Waldeck-Rousseau. O ministerio Combes, composto quasi que exclusivamente de radicais, teve muito mais vigor, porque não tinha lucta interna. Não fosse fazer parte delle, o tal sr. Chamuné, que era um reaccionario, e o velho estadista teria arado com muitos difficuldades.

Tudo isto demonstra que se um governo pode ser composto de elementos heterogeneos, um partido não o pode. E a dissidencia é um agrupamento de homens que pensam diversamente sobre questões politicas importantes, e, mesmo quando nos pontos capitais do programma elaborado pela convenção do salão Steinway.

Assignaram muitos o manifesto sómente porque estavam presentes a reunião. Ninguém discutiu o assumpto com a calma necessaria, porque, como em todas as nossas assembleias, os encerramentos das discussões eram precipitados—um regimen da rocha.

De-hos, portanto, o illustre missivista licença para pensarmos que ha um programma feito no salão Steinway, mas que esse programma não é de um partido, e de alguns homens, tanto assim que signatarios ha do programma que já se

tão chapando nas tétas do theatro, e votando provavelmente, nas eleições, nos candidatos da famosa commissão central.

Num outro artigo tratamos detidamente do manifesto da dissidencia, e, demonstramos que tal peça politica não tem o valor que lhe emprestam os seus signatarios.

J. AYDIAIA

Tendo o *Comercio* de S. Paulo passado a nova direcção e necessitando a sua administração regularizar todos os serviços e a escripturação, avisamos aos srs. assignatarios que estão em atraso que no dia 1º de abril suspenderemos a remessa da folha, si a assignatura não tiver sido paga.

O pagamento deve ser feito no nosso escriptorio ou por meio de vales postaes, visto como não temos viajantes.

A todas as pessoas que estão, no Interior, incumbidas das agencias desta folha avisamos que não desistimos do auxilio que estavam prestando, e pedimos-lhe para se dirigir, relativamente aos negocios posteriores a 18 do corrente, á nova administração.

Opportunamente daremos a conhecer ao publico quaes são os auxiliares desta administração. Entretanto, avisamos que os recibos só serão validos quando assignados pelo abaixo assignado.

Tambem pedimos aos srs. assignatarios que tenham contratos com a antiga empresa que se dignem de vir se entender com a actual administração, a fim de ser regularizado esse serviço.

O director-gerente
HENRIQUE DE VILLENEUVE

O CRIME DO BOM RETIRO

CARTAS CARIOCAS

24 DE MARÇO

A Empresa Theatro Lyrico Brasileiro inaugurou ante-hontem os seus espectáculos, e, como não tivemos tempo para fazer uma critica, vamos hoje trazer a sala do São Pedro de Alcantara esta carta que apresenta um quadro exacto da concorrencia dos cantores e da platéia e, além disso, nos dá uma grande variedade de factos, desde a casa até o palcos sacco, desde a blusa ligeira até o decote. Algumas senhoras estavam sem chapéu, Pousas.

Cordeiro Maragallio occupava uma frisa, ao lado do espelho que a arrebatou á arte. Era, naturalmente, a figura que mais se destacava naquelle festa de musica.

Os rapazes das galerias, empunhados, não se por que, em mostrar aos estrangeiros que ainda não estamos suficientemente civilizados, faziam lá em cima um insupportavel barulho, valendo os espectadores que entravam—Olla o caxeta—Olla o caxeta—Olla o caxeta—Abi têm os meus leitores de São Paulo o que é, na capital federal, uma sala de theatro em que se presume estar reunida a flor da sociedade! Não de convir que o carizco preço se contem para ir ao theatro lyrico.

Sim, porque é o theatro lyrico que se vê em todos os theatros, e mesmo na praça de touros, ha mais circumspecção e decencia! Os espectadores podem ser calvos, barrigudos, corcudas e aleijados, sem se exporem ao ridiculo de uma vaia.

Entretanto, esses mesmos rapazes, animados com o seu entusiasmo, uma tentativa de arte realmente digna de incentivar e honrar, applaudiram freneticamente os artistas e amadores que figuraram no espectáculo.

Cantou-se a opera *Coruella*. O insigne compositor rio-grandense Araújo Vianna sacrificou a sua inspiração e seu talento a um *libretto* detestavel, que lhe não forneceu uma unica situação musical. Senão que elle tem forças para traduzir brilhantemente a ideia de um dramaturgo poeta, e de esse indispensavel auxilio que necessita o seu estro.

Os cantores, a principio entubados pelas classicas emoções da estrova e depois animados pelos applausos, deram preferentemente o seu recado, indistincto, o condão de Carapellus, que, para evitar uma transference, á ultima hora substituiu o tenor. Foi a primeira vez que ouvi cantar um condão.

O herde da noite foi Francisco Braga com o seu *Poema symphonico*, pagina admiravel como inspiração e como factura, que poderia ser assignada, por qualquer symphonista universalmente celebre. Muito bem executado pela orchestra de quarenta performers, dirigida pelo proprio compositor, esse *Poema* provocou uma estondosa ovacão.

Emquanto relevavam os applausos, inesperadamente os letrados de outra ovacão que Francisco Braga recebeu naquella mesma noite, ha uns vinte annos, em *utilidade* em que fez a sua estreia de compositor, introduzindo o seu nome, até então ignorado, na historia da arte musical brasileira, que, praimeiro de tudo, adiantou pouco pouco. Elle era então uma criança tímida, e quando veio quasi arrastado á scena, e como envergonhado de ter tanto valor, veio o uniforme do Ayle dos Meninos Desvalidos. Como que largava pagos aquella gloriosa criança o pão e o ensino que lhe deu o Estado!

No concerto, com que principia o espectáculo, figuravam mais dias composições, uma do meo Francisco Braga, e outra de Barros Neto, artista serio e intronçante, de quem se espera muito.

Finalmente, foi uma bella festa de arte, incompleta, sim, nem poderia deixar de sê-lo, mas promissa de um porvir esplendido... se não fallar á musca, o apoio da publico e do governo.

Oscar Dupre-Edra, o fino prosador e poeta, que teve a feliz iniciativa do theatro lyrico brasileiro, prometteu, antes de encerrar o espectáculo, um figurado discurso, fazendo ver que aquillo era o complemento logico e natural do Instituto Nacional de Musica.

Muitas vezes tenho escripto que esse grande estabelecimento de educação artistica é incompleto, e sem o devido empenho de produzir professores de piano e canto. O Instituto deveria ter no campo de applicação e experiencia, onde se utilisassem os composidores, cantores e musicos sabidos das suas salas. Esse campo deveria ser um pequeno theatro, annexo ao proprio Instituto, não é mais o seriatissimo. Foi bem! aproximem-se os bons officios da empresa que surgiu agora, e seja o Instituto um viverio, não de amadores, mas de artistas, verdadeiros artistas, não de quem vive da sua arte, que se defendem por elle, dando-lhe, se elle o exigir, não só o seu salario, mas tambem as suas illoções, os seus legumes, e o seu proprio sapato, mesmo quando ella não lhes compare o tremendo sacrificio.

A. A.

Echos

O TEMPO

(COMMISAO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA)
Barometro a 0,5 de
7 horas da manhã, 698,5 mm.
2 horas da tarde, 696,4 mm.
9 horas da noite de hontem, 699,1 mm.
Temperatura minima, 16,9.
Temperatura maxima, 26,9.
Vento predominante até 2 h. t. S.
Chuva em 24 horas, 2,0 mm.
Tempo geral, chuvoso.

Foi agraciado pelo Santo Padre Pio X com a alta distincção de Prelado Domestico de S. Santidade, o conego Antonio do Nascimento, illustrado vigário collado de Taubaté e irmão do sr. dr. Valdeir de Castro, illustre deputado federal.

Inaugurase hoje, a rua Quinze de Novembro, nesta capital, a filial do *Banco União do Comercio*, do Rio de Janeiro, estabelecimento de credito vantajosamente concebido.

O novo banco abre contas correntes com depósitos e créditos de 200000 para cima, o que é extremamente vantajoso aos empregados do commercio, funcionarios publicos, pequenos negociantes, enfim a todos que não podem dispor de muito dinheiro por vez para economizar.

Do novo banco, que tantos serviços poderá prestar, desejamos todas as prosperidades.

Saltemos que entre outras pessoas deparar na justificação requerida pelos srs. Guilherme Book e Guilherme Turck Filho o sr. dr. José Maria Bourroul, juiz de direito da 2ª vara.

Consta-nos que o promotor publico de Mogi Mirim, sr. José Bonifácio Bulhões, finda a licença de tres meses, que lhe foi concedida, não voltará a reassumir o seu cargo.

Entrou hoje em seu decimo terceiro anno de publicação a *Tribuna*, de Santos, um dos jornais mais bem feitos e mais independentes do Estado de S. Paulo.

No nosso colliga Olympio Lima, seu esforço director-proprietario, que, á força de criterio e tenacidade, a collocou em pé de invencivel periodicidade, o *Comercio* de S. Paulo felicita pela festiva data.

TILIGRANNAS

No commando superior da guarda nacional:—Coronel sabe que a villa de Santo Amaro está convencional!—O meu cavallo! As minhas espadas! A minha espada! Os meus revólveres! A minha brigada! Vou, todos a cavallo ou a pé, e portamos!

—Mas, coronel, piedade para nos soldados, que temos familia.

(Neste momento chega um pastor e communica que a paz se havia restabelecido em Santo Amaro quando ali se soube que a guarda nacional lá se biliaz-se).

Alta noite, nas vizinhanças do Mercado. A luz mortua de um dos condutores de gas, na esquina da rua Formosa, dois valtos se encontram:—Oli, senhor, não exorra!—Perfite-nos, não trouxesse o senhor seu lume na cabeça, que lhe fica tão pesado.

—Não adianta alhoões...

O CRIME DO BOM RETIRO

Em Santo Amaro

GUERRA CIVIL—HOSTILIDADES IMMINENTES
Attitude deprezível da Camara
Em lucta com alguns vereadores—Demissão de funcionarios—Tudo suspeito
Apparição de um juiz heróico

De ha muito havia uma discussão, em Santo Amaro, entre o presidente da Camara e alguns vereadores. Não podendo demittir estes dos seus cargos, que são de eleição popular, o presidente da Camara sr. Salvador Branco de Araújo quiz virar-se nos empregados, cujo crime era serem amigos dos vereadores. E, como os empregados haviam sido nomeados pela Camara, e só a Camara poderia demittir-os, o sr. Salvador Branco de Araújo recorreu ao poder judiciario, pedindo a demissão dos empregados. A interferencia da justiça, no caso, era inevitavel, mas tal petição apresentou o presidente da Camara ao sr. dr. José Maria Bourroul, juiz da 2ª vara, que este magistrado expedito um mandado demittindo todos os funcionarios da Camara.

Estes, como era de esperar, não se conformaram com o despacho do juiz de direito, e, em petição longamente fundamentada, pediram que fosse expedido um contra-mandado, anulando o anterior mandado. O dr. José Maria Bourroul, jurou então susceção, e os autos foram ao seu substituto legal, o sr. dr. Urbano Marcondes, juiz dos feitos da Fazenda, que tambem jurou susceção

Finalmente, sendo conclusos ao sr. dr. Clementino de Sousa e Castro este magistrado tomou conhecimento da petição, e mandou passar o contra-mandado requerido.

Foram assim os funcionarios da Camara de Santo Amaro reintegrados nos seus lugares.

O presidente da Camara não se deu por vencido, e, recorreu á policia, para satisfazer o seu capricho.

Es o officio que dirigiu ao delegado sr. Amaro Vieira:

—Tendo sido em data de 15 deste, e de acordo com a lei n. 9, de 8 de maio de 1894, demittido do cargo de secretario da Camara desta villa Antonio Laborde Auras e negado-se este a entregar o archivo do secretario nomeado, Armando Brito Forster, tenho a honra de pedir vossas providencias no sentido de ser vedada a quem quer que seja, até segunda ordem, a entrada de secretario e mais dependencias da Camara Municipal.

O delegado, pobre e inconsciente instrumento nas mãos do presidente da Camara e seus amigos politicos, não podendo comprehender quanto era absurdo o pedido, postou diversas praças do destacamento local na porta da Camara, com ordens terminantes de não deixar entrar ninguém. E a ordem foi e está sendo cumprida ainda.

Dê-se, portanto, em Santo Amaro, o absurdo de haver um intendente que não pôde entrar na Camara, como tambem no edificio não podem penetrar os vereadores.

O presidente da Camara, dictatoralmente, cassou assim, ao menos temporariamente, com o auxilio da policia, o mandado dos vereadores, que foram eictos pelo povo!

O funcionario privado de exercer o seu cargo, sr. Antonio Laborde Auras, não podendo entrar na Camara, por estar a mesma guardada, e haver ordem de prisão contra quem violar os ordens, recorreu então ao poder judiciario, pedindo uma ordem de *habeas-corpus* preventivo ao dr. Urbano Marcondes, juiz da 5ª vara, que, assim a despecho, depois de pedir informações á policia:

—Em vista da informação retro, não se tratando de ameaça de constrangimento illegal, nada ha que deferir.

O sr. Laborde Auras, não se conformando com esse despacho, vai recorrer della para o Tribunal de Justiça, visto como na informação o delegado de Santo Amaro declara que o ingresso na camara *curva vedado a quem quer que fosse*.

Esperemos, portanto, a decisão do Tribunal.

Caso ella seja a annullação de todas as illegalidades ali praticadas, é muito provavel que a pacata villa volte ao seu estado normal. Caso seja a sustentação dos abusos, a villa se colligará, porque os animos ali estão muito exaltados, digam embora o contrario alguns collegas.

O sr. dr. presidente do Estado poderá intervir para fazer cessar os abusos nardos, pois pela Constituição do Estado, no interregno das sessões do Senado cabe ao presidente resolver essas questões.

E s. ex. fará obra boa intervindo, porque o presidente da Camara de Santo Amaro recusa-se até a prestar informações que lhe foram solicitadas pelo secretario do interior, e prepara-se para, abusivamente, arrombar o archivo e apossar-se dos papeis que estão legalmente confiados á guarda do sr. Laborde Auras.

OS MORTOS

Falleceu em Ytá d. Ismenia de Sousa Freitas, filha do sr. dr. Luiz Gabriel de Sousa Freitas, clinico residente naquella cidade.

—Em Pindamonhangaba, falleceu o sr. Cypriano Rodrigues de Andrade, artista, padista do sr. Decioleio Marcondes.

—Falleceu em Cruzeiro, o sr. capitão Benedito Pereira da Silva.

—Falleceu em Itaporanga, sendo sepultado em Itapetininga, a menina Ruth, filha do juiz de direito daquella primeira comarca, dr. Faiva Azevedo.

—Em Itapira, o menino Paulo, filho do sr. João Constantino Nunes.

—No Rio, falleceram o sr. José Ferreira Salvador, dr. Francisca Lopes Arabes, o sr. Eugenio Alves Brito, o sr. Antonio Conçegio Medeiros, o sr. João Damasceno Cavalcanti, funcionario dos correios.

ESCOLA DE PHARMACIA

Terminam-se hoje as inscricções de matricula neste estabelecimento de ensino, e amanhã se começarão as aulas, cujo horario é o seguinte:

CURSO DE PHARMACIA
1ª serie

1ª cadeira—Phisica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 9 ás 10 horas da manhã. Amphitheatro n. 1.

2ª cadeira—Química Mineral, Noções de Mineralogia e Hydrologia—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 8 ás 9 horas da manhã. Amphitheatro n. 1.

3ª cadeira—Phisica—A's segundas, quartas e sextas-feiras, das 7 e meia ás 8 e meia horas da manhã. Amphitheatro n. 1.

4ª cadeira—Botânica geral e Noções de Geologia—A's segundas, quartas e sextas-feiras, das 9 e um quarto ás 10 e um quarto da manhã. Amphitheatro n. 1.

5ª cadeira—Química organica e biologica—A's segundas, quartas e sextas-feiras, das 9 ás 10 horas da manhã. Amphitheatro n. 2.

6ª cadeira—Zoologia, Noções de Anatomia e Phisiologia—A's segundas, quartas e sextas-feiras, das 12 e meia ás 1 e meia hora da tarde. Amphitheatro n. 1.

7ª cadeira—Botânica descriptiva, especialmente a brasileira—A's segundas, quartas e sextas-feiras, de 1 e meia ás 2 e meia horas da tarde. Amphitheatro n. 2.

8ª cadeira—Química analytica e toxicologica—A's segundas, quartas e sextas-feiras, das 9 e 9 horas da manhã. Amphitheatro n. 2.

9ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

10ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

11ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

12ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

13ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

14ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

15ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

16ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

17ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

18ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

19ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

20ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

21ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

22ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

23ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

24ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

25ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

26ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

27ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

28ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

29ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

30ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

31ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

32ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

33ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

34ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

35ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

36ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

37ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

38ª cadeira—Pharmacia theorica—A's terças, quintas-feiras e sabados, das 12 a 1 hora da tarde. Amphitheatro n. 3.

Acontece, algumas vezes, porém, algum parente do morto tardamente obnhecer a noticia do fallecimento; apressa-se, furtiva e necessitada da familia algum recurso e corre a cumprir o dever humanitario de dar sepultura ao cadaver.

—Ja foi para o Cajú, responde-lhe, algum officio. E o misero, indubiado, sai, malhando-se, talvez aguilhoado por uma ponta de remorso; e, procurando a sombra, desce rua afóra, cosido ás pa-redes.

Pelas frinças de uma veneziana es-fusua o vento, ouvem-se vozes confusas o o misero estremece instinctivamente, sem saber porque é que a dentro se disputa o preço da carne do seu amigo morto!

E horrivel! e não tentou oppor demittido a estas informações, que discretamente trazemos a publico sem envolver personalidades.

Estamos bem certos que a honrada administração da Faculdade de Medicina não conhece as particularidades desse infamante commercio, mystificada como é, vilmente, por esses mesmos empregados que se encarregam de apresentar para os estudos em aulas o numero de cadáveres que não prejudica o commercio a retalho. Nem tão pouco, nossas investidas atingem a essa mocidade digna das nossas homenagens, porque representa a grande esperança da nossa patria.

Amaldiçoamos esse bando de albutres, esses vampiros de nova especie, que especulam com a sciencia, tripudiam sobre despojos de seres como nós outros e que, arrastados pela fatalidade, se extinguem nos leitos dos hospitais.

Até a valla commun é negada aos pobres!

Julgamos desnecessario qualquer apello no sentido de ser aniquilado esse monstruoso *trast* de cadáveres e, como medida ampliativa, seria digna de applausos a administração da Santa Casa de Misericordia se tambem aniquilasse os negociantes de outra especie que correm sobre a portaria da empresa funeraria; os vendedores de corões, que igualmente tripudiam sobre os mais respeitaveis sentimentos, na ansia do ganho e do commercio de fúncaria.

Fica essa grande nodosa nas tradições da burocracia de Santa Lucia, porém confiamos apagar essas dolorosas impressões, noticiando muito breve uma desaggravo, para que, livre desse pesado e torturante na hora do crepusculo, quando os pescadores entram os sentimentos descaem da terra sacrosanta, e que por ali passarem sintam menos uma emoção de angustia.

Um grupo de alumnos da Faculdade de Medicina foi ante-hontem a reedicação do collegio fluminense, pedir a rectificação da noticia acima.

A *Tribuna* não pode satisfazer, e, mais uma vez confirmou as suas revelações, não accediendo a explicação de que as quantias dadas aos serventes o eram como uma gratificação, porque, disse:—A gorgeta é uma remuneração *ad libitum* da pessoa agredida, e o contrario disso é o que se observa: preço fixo. O cadaver inteiro custa 36000 e os membros avulsos são adquiridos a 58000 e, ás vezes, por mais.

O nosso *reporter* teve occasião de assistir á compra de um cranio e viu em mãos de outro alumno um coração.

Nos laboratorios de hystologia e anatomia da faculdade realizam-se aulas particulares, para justo adiantamento dos estudos, e justamente em dias em que na aula do curso os estudos são feitos sobre modelos de massa, por falta de cadaver, os alumnos têm o que fornece o servente.

Contra isso é que se levanta o protesto. Os serventes aproveitam-se da necessidade absoluta dos alumnos, monopolizando os cadáveres destinados aos estudos para auferir a «gorgeta» condemnavel.

Relativamente a manifestação de desgarrado que lhe foi feita pelos estudantes *A Tribuna* escreveu apenas o seguinte:

A 11/2 da tarde, desceu a rua do Ouvidor e veio até o nosso escriptorio um grupo de alumnos da Faculdade, que em frente ao edificio promoveu uma manifestação contra *A Tribuna*.

Muito agradeceremos principalmente quando suppunhamos estar ao lado dos alumnos.

Para o nosso conforto, estivemos durante esse acto lideados por um grande numero de outros alumnos da Faculdade, que nos trouxeram o seu protesto contra o que se estava passando e com o que não eram absolutamente solidarios.

Está encarregado, hoje, do serviço de vacinação contra a varicella, a Directoria do Serviço Sanitario, das 11 ás 3 horas da tarde, o inspector sanitario dr. Francisco Cavalcanti.

Os srs. Zelferino Genes Fortes e Carlos Salvador participam-nos que realizaram um curso de dancas no salão da Galeria de Crystal.

Seguro hoje para o Rio o sr. Francisco Garcia, inventor do gradador de luz electrica, que vai fazer a transferencia do seu invento á firma Viava Herman Theil.

Seguro hoje, para o sul do paiz, embarcando em Santos, o sr. major Raul Lincoln Gustavo, socio da casa Rittenmeyer & Lincoln, desta praça.

Extra-se hoje, mais uma loteria da Capital, de 12 contos, e o sr. Julio Antonio de Alencar, que tem a corcupsada das sortes suas grandes, pretende distribuir mais uma sorte aos seus frequentes, assim como, animado sempre de bom desejo de ver o proximo rico e feliz, até adianta que dará os 200 contos, no dia 7 de abril proximo, a um fregues da sua casa.

Habilitem

PLACAS CONTRADO

(Privilegiadas pelo Governo Federal)

Estas placas, que são manufacturadas por systema especial e de notavel gosto artistico, sobrepujam em qualidade, elegancia, durabilidade, nitidez e modicidade de preço ás similares conhecidas até agora. Para disticos de casas commerciaes, escriptorios etc., são as que mais vantagem offerecem:

Não ficam oxydadas — Nunca descoram — Não carecem de limpezas e os seus disticos e cores são inalteraveis

Fabricam-se tambem pelo mesmo systema, gosto e arte, lages proprias para sepulchros, cujos desenhos e combinação artistica são de apurado gosto.

Acceltam-se encomendas, que serão caprichosamente executadas

Na redacção deste jornal acham-se em exposição diversas amostras de placas e lages para sepulchros, que poderão ser examinadas pelos pretendentes e apreciadores.

Peçam prospectos e informações na Casa Conrado e fabrica de vidros esmerilhados, musselinas e opacos, espelhos de crystaes e vitraux para egrejas

Importante sortimento de tintas, oleos e vernizes da afamada firma CONRAD W. SCHMIDT de Londres

Grande stock de vidros para vidraças

CONRADO SORGENISCH

S. PAULO — 10 — Rua do Triumpho — 10 — S. PAULO

CAIXA POSTAL, 482

THEATRO SANT'ANNA

GRANDE COMPANHIA DE OPERETTA, MASCARAS E REVISTA DO THEATRO ANGLICANO DO RIO DE JANEIRO
Nuestro director da orquestra ASSIS FACREDO

HOJE Segunda-feira — 26 de março — **HOJE**
A rainha das magias
Ultima representação da opera-magica em 3 actos, 14 quadros e 3 apoteoses de E. Garrido, musica escolhida de Lecocq, Strakosky, Valverde e Planquette

O GATO PRETO

Brevemente, a opereta O caracol do diabo nova para S. Paulo

Preços e horas do costume

Os bilhetes à venda na Brasserie Paulistana, largo do Rosario, 3, até ás 5 horas da tarde e depois na bilheteria do theatro.

Depois do espectáculo haverá bondes para todas as linhas.

Espectaculo todas as noites a menos que chova.

FERRO GIRARD

O Professor Edrard encarregado do Relatório á Academia demonstrou a que é facilmente accito pelos doentes, bem tolerado pelo estomago, restaura as forças e cura a chloro-anemia; que o que distingue particularmente este novo sal de ferro, é que não causa prisão de ventre, a combate, e elevando-se a dose, obtêm-se delecções numerosas.

O FERRO GIRARD cura anemia, cores pallidas, cainbras de estomago, empobrecimento de sangue; fortifica os temperamentos fracos, excita o appetite, regulariza as regras e combate a esterilidade.

Deposito em Paris, 8, rue Violente

KANANGA DO JAPÃO

RIGAUD e C^o Perfumistas
PARIS 8, rue Vivienne, 8 — PARIS

A Agua de Kananga é a loção a mais preciosa e a mais reconhecida a que se conhece. Atrahida, faz crescer, impede de cair.

Extrato de Kananga, é a essência mais agradável e mais preciosa que se conhece. Atrahida, faz crescer, impede de cair.

Oleo de Kananga, é a loção a mais preciosa e a mais reconhecida a que se conhece. Atrahida, faz crescer, impede de cair.

Sabonete de Kananga, é a loção a mais preciosa e a mais reconhecida a que se conhece. Atrahida, faz crescer, impede de cair.

Pós de Kananga, é a loção a mais preciosa e a mais reconhecida a que se conhece. Atrahida, faz crescer, impede de cair.

Deposito em nas principaes Perfumarias.

ACREDITADAS LOTERIAS DE S. PAULO

Os bilhetes destas acreditadas loterias acham-se á venda, em grosso, com excepcionaes vantagens e a varejo, pelo custo real na

CASA LOTERICA

Agencia de todas as loterias

AMANCIO RODRIGUES DOS SANTOS & COMP.

2, Rua do Rosario, 2 — São Paulo

Chamamos especial attenção dos nossos amigos e freguezes do interior para as nossas circulares premiadas com — — —

500\$000, EM DINHEIRO,

que offerecemos gratuitamente a quem pedir e ler com attenção, principalmente a parte da mesma:

“Nota importante”

Companhia de Navegação

“CRUZEIRO DO SUL”

Esplendido, novo e rapido vapor nacional

JUPITER

DUAS HELICES
sahira de Santos em 26 de corrente para S. Paulo

Paranáguá, Antonina, São Francisco, Itajubá, Deodoro, Rio Grande do Sul, Pelotas, Porto Alegre, Montevideo e Buenos Aires

Para fretes, passagens e mais informações, com os agentes:

THEODOR WILLE & COMP.

S. PAULO—Largo do Ouvidor, 2
SANTOS—Rua de Santo Antonio, n. 25 e 26
RIO DE JANEIRO—Rua da Alfândega, n. 31.

FOLHETIM

A CALUMNIA

Romance original
DE
HENRIQUE PEREZ ESCOBICH
LIVRO VIII
Sid Mahometh Ben-nd-Jé

CAPITULO V
Continúa o espectáculo

EDUARDO
Ten cunhado, por exemplo, Daniel...
ROBERTO
Pertence á maioria da sociedade; é um tolo, EDUARDO
E tna irmã Clara? ROBERTO
Outra maioria; á das coquetas. Miséria tudo e vaidade! Os verdadeiros culpados não são os inimigos que nos atacam; o officio delles não é outro, e fazemos com consciência; os culpados são os amigos que nos defendem, que se calam e nos abandonam; e lady Sanders, que queria partir, e a quem eu detive; é tu, que te apartas de Cecilia e a condemnas.

EDUARDO
Eu... Eu abri a bocca. ROBERTO
Ora! Estes são os amigos! Calam-se... e a isto se reduz o seu valor! Calam-se quando os outros gritam! Oh! por vida minha! Quando a tempestade rage é quando se deve erguer a voz! Eu levantei a minha, porque os gritos não me assustam, e quando atacam os meus amigos não fujo, entendes? Sem me pôr ao teu lado... Ponto-me de frente! Querem seguir o meu exemplo?

EDUARDO
Ainda o duvidas? ROBERTO
Pois vou dizer-te o que devemos fazer. EDUARDO
Em primeiro lugar intentemos nos.

ROBERTO
Erguam-se! Isso seria acabar com a reputação delia! Um duello seria um golpe mortal! Nada; o melhor modo de vencer a calumnia é remontar até a sua origem. Provoemos pois; busquemos juntos a origem dessas vozes. Quem foi o primeiro que te disse isso? Vamos a vêr se te recordas...

EDUARDO
Eu sei lá?... Foi hontem... aqui... nesta sala... (João entra pela fenda e dirige-se para a direita, com uma bandeja de chá. Põe em cima da mesa, arranja as cadeiras e retira-se. Eduardo, que estava desfigurado, diz, ao velho senhor, Olha! Olha!... João, o criado da hospedaria. Este foi o primeiro.)

ROBERTO
Acredito!... Uma tal infamia não podia vir de mais alto! Ah! tens essa opinião publica de que me falavas; eis um fragmento delia: um digno fragmento!...

EDUARDO (a meia voz)
Um miseravel!...

ROBERTO
Sim; um miseravel que desapparece agora por que o vêes só, mas ante o qual te inclinas quando são muitos. Vejamos; nomeia-me outro.

EDUARDO
Assim que o actor termina a ultima phrase, ouve-se na galeria um grito, precedido de uma gargalhada, que pela de espanto os espectadores.

ROBERTO
Aquella gargalhada não resoa nos ouvidos dos indifferentes como a expressão da alegria, como a demonstração do prazer.

EDUARDO
Foi uma gargalhada hysterica, nervosa, que affligiu... EDUARDO
E o preludio de uma enfermidade. Na verdade, um homem, privado dos sentidos, cá de banco em que está sentado para o dia da morte... EDUARDO
O povo alvoroçou-se. Os timidos afastam-se, os curiosos achegam-se, os amigos do proximo correm com fadiga. O homem permanece sem accôrdo, preso de um ataque nervoso. Os dentes fortemente apertados, as mãos instigadas, as faces descoloridas e uma agitação espantosa, indicam que o coração daquelle espectador se interessou em demasia pelo enredo do drama.

ROBERTO
Por fim, os empregados do theatro e os policias levam-no daquelle sitio.

EDUARDO
Toda a gente se aperechou do acontecimento. Os que o rodeiam não o conhecem. Levam-no para o quarto do porteiro e logo apparece um medico, que aconselha uma sangria.

ROBERTO
De repente, Heitor, seguido de Mahometh e de seu filho Ibrahim, apparece no logar da confusão.

EDUARDO
Altem caminho por entre toda aquella gente. — Meus senhores — diz Heitor — eu conheço; é meu amigo. Este senhor — apontando para o arabe — é o medico Sid Mahometh Ben-nd-Jé. Supplio-lhe, pois, que me ajude a levar o enfermo até á minha carruagem.

ROBERTO
Heitor sobe primeiro; depois o desfalchido sustentado por dois homens, e por fim Mahometh e seu filho.

EDUARDO
Para casa a galope — diz Heitor ao cocheiro. A carruagem parte a toda a breida.

ROBERTO
Heitor — torna Heitor — sabe que é a primeira vez que me vejo aqui.

EDUARDO
Quasi não conheço ninguém em Madrid — responde o arabe.

ROBERTO
Pois bem; este sujeito é João José Robles.

EDUARDO
João ergue-se e faz menção de saltar abaixo da cama.

ROBERTO
— Meu amigo — diz Mahometh á sua vez, deitando o olhar com suavidade — seria uma imprudencia levantar-se. Demais, sua esposa, apesar de ignorar o acontecido, está tranquilla, porque Heitor e Mahometh, e as supplicas de Heitor, são inuteis.

EDUARDO
João levanta-se e não ha remedio senão deixá-lo partir.

ROBERTO
Heitor põe a sua carruagem á disposição delles.

EDUARDO
Ao chegar a casa, João procura encostar a mão que levava ligada; mas Francisco nota uma extrema pallidez no rosto de seu esposo.

ROBERTO
Robles não sabe mentir; confessa-lhe tudo.

EDUARDO
— Olha, João — diz-lhe — tu soffreste muito; tu estás melindroso; a menor coisa te sobresaltas; queres aproveitar o meu conselho, visto que nada nos prevalece por ora a Madrid, devemos ir passar uma temporada á terra de teu paiz. O pobre velho ha de ter immenso prazer em abraçar seus filhos e seus netos. E lá ha de melhorar os ares da montanha, a tranquillidade da vida rustica, e o socorro do lar, tudo te deve ser muito aproveitavel.

ROBERTO
João pega em uma das mãos de sua esposa e responde.

EDUARDO
— Francisco! Ainda sou muito novo e o meu dever é trabalhar.

ROBERTO
— Bem sei, não me oppoño, mas primeiro que tudo está a saúde.

EDUARDO
— Olha que apenas nos ficarmos da nossa passada fortuna algumas centenas de mil réis.

ROBERTO
— É o parece-te pouco?

EDUARDO
— É um anjo; só tens palavras de consolação para o homem que te empobrecera.

ROBERTO
— Não, isso não, João! Empobreceres-me! Diz antes que a infamia calumnia foi causada por tua esposa. Infelizmente não sou ambicioso, os meus fillos gozam de uma saúde invejavel, e eu que eu quero é vêr-te tão saudável como elles.

EDUARDO
João ergue-se e faz menção de saltar abaixo da cama.

ROBERTO
— Meu amigo — diz Mahometh á sua vez, deitando o olhar com suavidade — seria uma imprudencia levantar-se. Demais, sua esposa, apesar de ignorar o acontecido, está tranquilla, porque Heitor e Mahometh, e as supplicas de Heitor, são inuteis.

EDUARDO
João levanta-se e não ha remedio senão deixá-lo partir.

ROBERTO
Heitor põe a sua carruagem á disposição delles.

EDUARDO
Ao chegar a casa, João procura encostar a mão que levava ligada; mas Francisco nota uma extrema pallidez no rosto de seu esposo.

ROBERTO
Robles não sabe mentir; confessa-lhe tudo.

EDUARDO
— Olha, João — diz-lhe — tu soffreste muito; tu estás melindroso; a menor coisa te sobresaltas; queres aproveitar o meu conselho, visto que nada nos prevalece por ora a Madrid, devemos ir passar uma temporada á terra de teu paiz. O pobre velho ha de ter immenso prazer em abraçar seus filhos e seus netos. E lá ha de melhorar os ares da montanha, a tranquillidade da vida rustica, e o socorro do lar, tudo te deve ser muito aproveitavel.

ROBERTO
João pega em uma das mãos de sua esposa e responde.

EDUARDO
— Francisco! Ainda sou muito novo e o meu dever é trabalhar.

ROBERTO
— Bem sei, não me oppoño, mas primeiro que tudo está a saúde.

EDUARDO
— Olha que apenas nos ficarmos da nossa passada fortuna algumas centenas de mil réis.

ROBERTO
— É o parece-te pouco?

EDUARDO
— É um anjo; só tens palavras de consolação para o homem que te empobrecera.

ROBERTO
— Não, isso não, João! Empobreceres-me! Diz antes que a infamia calumnia foi causada por tua esposa. Infelizmente não sou ambicioso, os meus fillos gozam de uma saúde invejavel, e eu que eu quero é vêr-te tão saudável como elles.

EDUARDO
como a roca da mulher do povo, contando que a familia esteja a seu lado, e que durante as longas noites de inverno possa ir vigiar sem fadiga, para lhes acobertar a roupa e para os beijar e acariciar, como só as mães o sabem.

ROBERTO
Quando Francisca fala com seu esposo, tem sempre a convicção encarnada nas palavras, que lhes vêm aos labios dictadas pela virtude, porque dimanam do fundo do coração.

EDUARDO
João José ama sua mulher do mesmo modo que a amira na sua lua de mel.

ROBERTO
Então amava-a como amante; presentemente, olhora-a como amante e como mãe de seus fillos.

EDUARDO
Porque os fillos são o laço do amor conjugal.

ROBERTO
Raras são as mães que se tornam tuas esposas.

EDUARDO
Serão muitas vezes mães duplas, porque muitas mulheres são mães de um filho e de um filho.

ROBERTO
Por muito miseravel que seja uma mulher, por muito perverso que tenha o coração, por muito viciada que esteja a sua alma, quando chega a ser mãe, temse dar um beijo impuro, porque os seus fillos são castos e retos, e implicitamente a accusariam, no caso de haver uma crime contra o thalho.

EDUARDO
Os fillos das mães são como o arranjido, cuja altura se mede com o beijo.

ROBERTO
João abraça sua esposa, o seu poder occulta-se lagrimas, exclama:

EDUARDO
— Olha Francisca, quando um homem tem a fortuna de encontrar um anjo como tu, perde a forma da vontade; faz o que tu quizeses, apesar de me parecer que me deveria dirigir segunda vez a meu irmão. Está rico, muito rico, o meu filho!

ROBERTO
— Tu irmão! Esqueceste que nomeas ao Augusto do maior dos teus inimigos? Esque-

EDUARDO
ces que nem sequer nos offerecem a sua casa? Não pensa nelles, João; além disso, nós somos bastante modestos para viver com o que ainda nos resta.

ROBERTO
— Talvez tenhas razão — diz João José com profundo sentimento — meu irmão, primeira causa da nossa desgraça, apenas se lembra de nós.

EDUARDO
— Ora! não falemos mais nisso.

ROBERTO
— Farei o que quizeses.

EDUARDO
— Está bom; agora o mais conveniente é descaçarem, e olha que te prohibo de saltares amanhã da cama.

ROBERTO
— Mas eu estou bom!

EDUARDO
— Depois voltamos.

ROBERTO
João e Francisca, antes de se retirarem, vão juntos ao dormitório de seus fillos.

EDUARDO
Depois sonham que vivendo na pobreza de Cuenca com muita modestia e até parcimonia, herdaram uma fortuna de muitos milhões; mas em tão grande quantidade que não sabem o que há de fazer ao diabo.

ROBERTO
Pela manhã, quando João acorda, já Francisco se havia levantado.

EDUARDO
Tange a campainha, e sua esposa apparece logo com uma camera de leite na mão, o sorriso nos labios e rodeada de seus fillos.

ROBERTO
João manda-os subir para a cama, e julga-se o homem mais feliz do mundo.

EDUARDO
Os pequenitos sitiando a cama por todos os lados, dão o assalto e em breve rodam sem paiz.

ROBERTO
— Não sabes que esta noite sonhei com uma coisa muito boa para nossos fillos?

EDUARDO
— Ah! Vassou a vér com o que tu sonhaste.

ROBERTO
— Ora! Que havíamos de ter uma grande fortuna.

EDUARDO
— É estranho! Eu sonhei o mesmo!

ROBERTO
— Quem sabe se o sonho sonhei se realizará!

EDUARDO
— Deu o queira.

ROBERTO
— Paga lá o leite, e demos tempo ao tempo. Os joões pobres nunca morrem fartos.

EDUARDO
João reparte o leite com os pequenitos, isto é, de quatro partes, tres para elles e uma para si.

ROBERTO
O filho é para o paiz e o pai é para a terra; dá-lhe vida e valor.

EDUARDO
João e Francisca, quando se acham rodeados de seus fillos especime de tudo, e amam reconcentrando a vida no coração. Porque o amor é a primeira fortuna dos pais e a herança mais bella dos fillos.

EDUARDO
Quem deve, teme

ROBERTO
Retroscedamos.

EDUARDO
Daniel ao separar-se de Heitor, nos corredores do theatro, escreve precipitadamente duas linhas numa folha da sua carteira, e entra no camarote de Paula.

ROBERTO
Aos namorados nunca falta occasião quando se querem corresponder; e nuns desses momentos azarados, Daniel entrega a folha da carteira a Paula.

EDUARDO
Essas horas depois, Paula, pelusa nos seus apertados, falando com o seu criado de quarto.

ROBERTO
— Já sabes, Helena — diz-lhe — que não tenho segredos para ti.

EDUARDO
— Agradeço-lhe muito a confiança que he me fez.

ROBERTO
— Por isso tenho o dever de te previso hoje honestamente dos teus servicos.

EDUARDO
— Estou prompta para a servir em corpo e alma.

ROBERTO
— Tu dormes tu sola do escriptorio?

EDUARDO
— Durmo.

ROBERTO
— Tem.

EDUARDO
— Pois está neste quarto que já te disse.

ROBERTO
— Não está neste quarto que já te disse.

EDUARDO
— Mas, a menina...

ROBERTO
— Paga lá.

EDUARDO
E Paula entrega a Helena um anel que achou de tirar do dedo.

ROBERTO
— E ha de dar algum signal? — pergunta a criada.

EDUARDO
— Não; ha de estar a esperar a essas horas.

ROBERTO
— Contado! Com este frio! Safa!

EDUARDO
Paula olha para o mostrador do elegante relógio que adorna o marmore da chaminé.

ROBERTO
— Á uma e meia — diz — Podes ir embora, deixa a porta aberta.

EDUARDO
— E que hei de dizer a esse sujeito?

ROBERTO
— Que espere.

EDUARDO
— E a menina vai para baixo?

ROBERTO
— Vou, quando todos estiverem a dormir.

EDUARDO
— Então vou para o meu posto.

ROBERTO
— Vai, vai.

EDUARDO
Helena sai do gabinete de Paula, e desce ao seu quarto; apaga a luz, como mulher precavida, e abre a janela.

ROBERTO
Um homem anda a passear, embuçado na sua capa, no passeio fronteiro. Como se aquillo fosse um signal, atravessa a rua e aproxima-se da janela.

EDUARDO
Como vê um vulto de mulher no meio da obscuridade, pergunta:

ROBERTO
— É tu, Paula?

EDUARDO
— Sou a criada; mas pôde entrar, que a senhora vem já.

ROBERTO
O homem salta e entra.

EDUARDO
Helena fecha a janela, e torna a accender a luz.

ROBERTO
Então reconhece o homem da capa; é Daniel, mas Helena sabe o seu officio, e diz:

EDUARDO
— O senhor pôde sentar-se; a menina mandou-me abrir a janela.

ROBERTO
Daniel tira a capa e senta-se numa cadeira.

EDUARDO
Passa-se um quarto de hora.

ROBERTO
— Não corredor immediatamente corra-se o frang frang de um vestido de seda.

EDUARDO
— Ah! vem a menina — diz a criada, indo para a porta.

ROBERTO
E Paula entra na sala.

EDUARDO
Daniel põe-se a pé e crava-lhe a vista fria, severa, amarelada.

ROBERTO
— Vai-te, Helena — diz Paula.

EDUARDO
— Onde hei de esperar?

ROBERTO
— Espera lá em cima.

EDUARDO
— Muito tempo? — pergunta maliciosamente.

ROBERTO
Os dois amantes ficam a sós.

EDUARDO
Beira um momento de silencio.

ROBERTO
— Que quer dizer isto? — pergunta a filha do banqueiro apontando para o bilhete de Daniel.

EDUARDO
— Já tiveste alguma vez ciúmes? — pergunta Daniel.

ROBERTO
— Nunca.

EDUARDO
— É porque não amaste nunca, nem podes comprehender o meu horrivel desespero.

ROBERTO
— Explicaste melhor; este papel envolve uma ameaça.

EDUARDO
— Paula lê em voz alta:

ROBERTO
— Este não é a minha hora me não remember uma entrevista no quarto de tua criada, amanhã darei escandallo, porque estou desesperado e resolvido a tudo.

EDUARDO
Ao terminar a leitura, Paula fixa com alti-ssimo os olhos no homem que tem diante de si, e pergunta:

ROBERTO
— Que escandallo é este de que falas? Que ameaça é esta que suspendes sobre minha cabeça?

EDUARDO
— Esta noite passei no teu camarote um momento horrivel. Heitor...

ROBERTO
— Ah! Vem com ciúmes?

EDUARDO
— Talvez com mais alguma coisa.

ROBERTO
— És um visionario.

EDUARDO
— Não, Paula, não sou; Heitor ama-te.

ROBERTO
Paula commove-se levemente, mas um sorriso lhe apparece nos labios ao exclamar:

EDUARDO
— Heitor não ama ninguém.

ROBERTO
— Enganaste-te; pois não ha muito que me encarregou de te pedir a teu paiz em nome d'elle. Oh! o encargo não pôde ser mais opportuno. Eu pedirei em casamento para outro! A amizade tem coisas bem horriveis!

EDUARDO
Paula está pallida e nervosa, porque ama a Heitor; mas teme se ciúmes de Daniel; dei-

AI
Un
For
que, nest
nifesto d
te. Era
Assignou
do demo
coberto d
Republica
do da nu
nestidade
Errou,
intencion
Nesse r
O par
S. Paulo
muito i
peramos
zação de
Todav
só para n
rectoras;
poucas pa
O par
A Con
posta dos
Congresso
delegados
A Con
Convenção
deliberaçõ
tido.)
Pergunt
So a cor
executar i
onde se r
zou a com
do as cam
do Carlos
nato Brag
Não ex
funções, i
turas?
Neste po
a vontade
alguns di
o nome d
districto,
e sua indi
cto o dr.
que este e
de eleitores
Ora, um
procede, p
não é um
do que se
du-se seg
dos seus r
inspiração
uma colle
des estran
E por i
dencia sej
ser que ve
ganhar, nã
me, quan
m, em cons
porque qu
mões de n
alojados d
a sorte de
des e os
novamente
lhes já est
Mas, te
chegar ao
dr. João
tido, dissid
Será esse
artigo, se
ainda dar
Velho S
isolados n
reomos da
de a fal
costumes
de nós, n
vido algr
que temo
a silencio,
samente,
peccados?
do eram
estão env
combuten
mais, se i
nhar os
berdades.
E veri
confiança
que estão
Basta i
O sr. G
ples sena
socialista,
todos os
servicos d
curios de
tugas na
ximar-se
com os
França.
Ultimos
aproxim
comment
litaristas,
porque o
signavam
Assim
le ao pov
clam pel
humana,
cem pos
lho e de
Não h
messa; i
que elle
das par
alturas,
baixo, h
o no e
pa's i